

O Objeto do Autoconhecimento¹

Richard Hunsinger

1 Original disponível [aqui](#), acessado 01/08/2022. Traduzido por V. S. Contren, Agosto 2022. DOI 10.17605/OSF.IO/5R2WV. (*O Objeto do Autoconhecimento: notas à crítica da consciência reificada e formação racial de classe através da Tradição Radical Negra.*) Richard Hunsinger é um amigo de longa data que vem desenvolvendo estudos sociais e literários quanto à formação social do capital. Seus escritos desvendam pedaços deste tracejo histórico com extrema riqueza.

Aqui está o verdadeiro problema do trabalho moderno. Cá está o cerne do problema da Religião e da Democracia, da Humanidade. Palavras e gestos fúteis não valem nada. Da exploração do proletariado sombrio vem o Valor Excedente filtrado de animais humanos que, em terras cultivadas, a Máquina e o poder aproveitado encobrem e ocultam. A emancipação do homem é a emancipação do trabalho e a emancipação do trabalho é a libertação daquela maioria básica de trabalhadores que são amarelos, marrons e negros.

W.E.B. Du Bois, **Reconstrução Negra na América 1860-1880**

Du Bois nos oferece uma formulação do modo de operação global da produção capitalista que une habilmente o abstrato e o concreto. O que é ainda mais notável nesta passagem é a brevidade com que ela atravessa o processo de formação social do valor e a necessidade objetiva de sua superação, aquele momento a partir do qual se origina a emancipação universal como o duplo movimento provocado pelas particularidades dos graus diferenciados de exploração. A continuação de nosso discurso sobre a reificação encontra aqui uma expressão na ocultação desta função diferenciadora da racialização, a Máquina e o Poder aproveitado, para a qual Du Bois chama nossa atenção. Esta teorização do Valor Excedente é a síntese da tese que abre a *Reconstrução Negra na América: 1860-1880*, a do caráter essencial do trabalhador negro à formação do capitalismo como sistema econômico mundial, onde, como Cedric J. Robinson esclarece, não foi como escravos que o trabalhador negro entrou neste sistema, mas como mão de obra. É nesta “mudança dos nomes das coisas” que Du Bois reconstrói as suposições de autonomia da industrialização em relação às necessidades de exploração das plantações, além do imediato aparecimento do trabalho assalariado nas complexas mediações raciais de

classe que formam a materialização da supremacia branca e da superioridade racial, a partir da qual se desenvolveria o “tecido da nação, codificado por seu passado escravo.”²

Ocorre uma operação de des-fetichização que ocorre nesta linguagem, ao mesmo tempo em que constrói uma materialização da raça no desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista. Onde Lukács atribui o fenômeno da reificação não apenas à presença ou inicialmente ao efeito desintegrador da troca de mercadorias nas formas pré-modernas de sociedade, mas ao estabelecimento de uma estrutura de mercadorias que agora “penetra na sociedade em todos os seus aspectos e a [remodela] à sua própria imagem,” podemos encontrar nas intervenções historiográficas da tradição radical negra uma concretização da atualidade histórica desta subsunção da vida social na forma de mercadoria.³ A formulação de Robinson da composição orgânica do capital nesta época, aquele movimento e processo pelo qual “os trabalhadores africanos haviam sido transmutados pelos cânones perversos do capitalismo mercantilista em propriedade” e assim “a força de trabalho africana como mão de obra escrava foi integrada na composição orgânica do capitalismo manufatureiro e industrial do século XIX,” sustentando assim o surgimento de um mercado mundial extraeuropeu dentro do qual o acúmulo de capital foi conquistado para o desenvolvimento futuro da produção industrial, “traça esta subsunção de um elemento particular do corpo social globalizado em sua mediação como mercadoria.”⁴ Esta formação social de

2 Robinson, Cedric J. 2000. *Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition*. Chapel Hill; London: University Of North Carolina Press., pp. 199-200. Tradução nossa.

3 György Lukács. 1999. *History and Class Consciousness: Studies in Marxist Dialectics*. Cambridge, Mass.: MIT Press. P. 85. Tradução nossa.

4 Robinson (2000) p. 113. Tradução nossa.

trabalho criador de valor é a violência concreta da abstração, pela qual o trabalho humano é substanciado por esta alienação do trabalho de suas capacidades; o Comércio Transatlântico de Escravos marca o projeto mais intencional na formação histórica mundial de um proletariado global.

Nesse nível de análise, a objetividade espectral da raça obtém-se na noção do fetiche pela mercadoria. A própria historiografia do capitalismo racial de Robinson afirma uma lógica de racialismo anterior ao encontro entre a Europa, o trabalho africano e o projeto colonial nas Américas. A extensão adicional de uma crítica da raça como consciência reificada deve explicar a contingência inicial do encontro entre racialismo e negritude que se tornaria um eixo fundamental para as articulações raciais do antagonismo de classe constitutiva do capital e formas de exploração no hemisfério ocidental, recuperando do modelo de desenvolvimento da plantação para o resto do mundo moderno. A reprodução desta forma de consciência e a especificidade de suas articulações em linhas de cor que atravessam e distinguem a vida social e o território demonstram uma contínua atualização da raça na reprodução da vida material, mediante técnicas de sua formação construídas em uma infraestrutura interdependente de produção social. A socialidade desta organização espacial de diferenciação não é melhor exemplificada do que suas origens no navio escravo *Middle Passage*, onde Marcus Rediker observa que “ao produzir trabalhadores para a plantação, a fábrica de navios também produziu 'raça'.” A “tripulação motley” de marinheiros contratados por capitães esclavagistas se uniu em uma “raça branca” no e através do processo pelo qual o conjunto escravizado de povos multiétnicos do

continente africano acorrentados abaixo se tornou “povo negro” ou uma “raça negra.”⁵

Assim, emerge aqui a produção histórica da força de trabalho como mercadoria em um movimento dual, onde essa mesma mercantilização por meio de formas de alienação violentas constitui uma articulação racial. As tentativas modernas de desarticular raça e classe perdem de vista esses tipos de coproduções históricas fundacionais destas categorias como critérios para a articulação das relações sociais capitalistas de produção. Como demonstra o entendimento de Du Bois de mais-valia acima, é esta estrutura muito desigual e combinada de exploração diferenciada, possibilitada pela gênese do trabalhador negro, que serviu “como pedra fundamental de um novo sistema econômico no século XIX e para o mundo moderno, que trouxe a guerra civil na América. Ele foi sua causa fundamental, apesar de todos os esforços para basear a luta na união e no poder nacional.”⁶ Assim, uma maior unificação ocorre no trabalho de produção histórica de Du Bois, e não apenas no aspecto econômico de mais-valia e diferenciação racial, que “a grande maioria da humanidade, sobre cujas costas dobradas e quebradas repousa hoje as pedras fundadoras da indústria moderna [...] desprezada e rejeitada por raça e cor; pagou um salário abaixo do nível de vida decente,” mas também sua atualidade política simultânea, como “base do poder mundial e do domínio universal e da arrogância armada em Londres e Paris, Berlim e Roma, Nova York e Rio de Janeiro.”⁷ O alcance global do modo de produção capitalista

5 Marcus Rediker. 2008. *The Slave Ship: A Human History*. New York: Penguin Books,, Cop. p. 10. Tradução nossa.

6 Du Bois, W.E.B. 1998. *Black Reconstruction in America: 1860-1880*. New York, Ny: The Free Press. P. 15. Tradução nossa.

7 *Ibid*, pp. 15-16. Tradução nossa.

como sistema mundial é desenvolvido dentro da incorporação de seu antagonismo de classe constitutiva como forma de Estado, como a Guerra Civil Americana, para Du Bois, demonstrando esta relação na auto-emancipação do trabalhador negro.

A linhagem historiográfica que Robinson reúne e nomeia como a tradição radical negra compartilha uma consistência entre seus representantes escolhidos no modo pelo qual a composição social das formações de classe racializadas é uma base essencial da metodologia de suas obras essenciais. *Os Jacobinos Negros* de C.L.R. James e *Reconstrução Negra* de Du Bois comungam uma forma de exposição sob muitos aspectos. Os capítulos de abertura de cada obra são balanços do equilíbrio das forças de classe a partir das quais o drama das lutas que virão. Para James, é “A Propriedade,” “Os Proprietários” e “Parlamento e Propriedade,” já que a Revolução de San Domingo e a independência do Haiti se encontram em primeiro plano na totalidade relativa da relação colonial, começando na vida dos escravizados e se estendendo até os tumultos simultâneos, e às vezes decisivos, da Revolução Francesa. Para Du Bois, a *Reconstrução* começa com “O Operário Negro,” o ator revolucionário desta história, depois segue para as forças essenciais de “O Operário Branco” e “O Plantador,” todos os atores que culminarão em “A Greve Geral” que traz o momento Messiânico de emancipação, “A Vinda do Senhor.”

A escrita política de Richard Wright é a maior aberração à tradição de Robinson, como discutiremos mais abaixo e mais tarde, onde seus escritos obtêm menos no terreno das reconstruções historicamente reflexivas da dinâmica objetiva das relações sociais em uma época revolucionária, mas à experiência subjetiva de atravessar um momento vivo à medida que se desdobra; um documentarista da descolonização em meados do século XX,

influenciado pelo marxismo e pelo comunismo, mas olhando para além das limitações de suas estagnações teóricas no dogma daquela época. O *Black Power* é o relato de sua primeira viagem ao continente africano, para ver Gana no auge do movimento de libertação nacional pela independência, liderado por Kwame Nkrumah, e *The Color Curtain* é seu relato de testemunha ocular da Conferência de Bandung em abril de 1955, onde 29 estados pós-coloniais recém-independentes procuraram se reunir pela primeira vez em um contexto internacionalista e discutir seus respectivos destinos e posições dentro deste novo desenvolvimento do sistema mundial moderno. Sua própria ambivalência política, ligada a uma ética de liberdade individual que às vezes só encontrará expressões burguesas em seus escritos, não retira a atenção perspicaz às dinâmicas globais da raça que são intrínsecas aos eventos que ele narra. Da mesma forma, a continuidade quebrada dos regimes raciais da escravidão ao encarceramento em massa encontra um momento de síntese no pensamento de Wright na conceituação da colônia como forma de atividade:

Fora da confusão desta atividade [o comércio de escravos] as ideias e práticas mercantis inglesas cresceram; um conceito clássico de colônia emergiu e resistiu mais ou menos até hoje: as colônias são áreas a serem mantidas economicamente disciplinadas e dependentes da pátria mãe. Os colonos eram obrigados a enviar seus produtos para a Inglaterra em fundos ingleses, e eles não podiam comprar nenhuma mercadoria, a não ser produtos ingleses, a não ser que esses produtos tivessem sido enviados primeiro para a Inglaterra. Uma colônia, portanto, tornou-se uma vasta prisão geográfica cujos detentos foram presumivelmente condenados por todo o tempo a sofrer a exploração de seus recursos humanos, agrícolas e minerais. Então, assim como agora, nenhuma indústria nativa era tolerada; tudo, desde açúcar até sapatos,

era enviado da pátria mãe, tributado pelos costumes da colônia; e, depois de ter passado por muitas mãos, era vendido ao nativo para permitir-lhe desfrutar das bênçãos do mundo Cristão.⁸

A estrutura de dependência da relação colonial produz uma geografia carcerária que, no decorrer de sua reprodução, torna-se uma temporalidade histórica da qual o período de libertação nacional deve ser compreendido. Nesta escala geopolítica, da qual Wright observa em sua jornada para Gana, um caso histórico-geográfico de trabalho auto-alienante em uma dinâmica centro-periferia, sua incorporação à economia política mercantil inglesa e ao domínio imperial, resulta um sentido de permanência do qual emerge a reificação. No entanto, esta reificação é o que está minado por estas condições de sua existência e formação, como o relato de Wright sobre o fervor pela independência no terreno continuará a demonstrar. Por enquanto, podemos dizer que de dentro da divisão do corpo e de suas capacidades que a mercantilização da força de trabalho implica, emerge uma composição política imanente dada pelo antagonismo de classe que é o motor e o produto da acumulação de capital. Sucessivos ciclos de reprodução no modo de produção capitalista veem isso comprovado na historiografia da tradição radical negra, pois a contenção interna da luta de classes em suas formas de aparência produz novas formas de luta. A observância disto, na reprodução e na autonomia é trazida por James no marronato que precede o movimento revolucionário das massas de São Domingo. “Eles se reproduziram. E durante cem anos, antes de 1789, os *maroons* foram uma fonte de perigo

8 Wright, Richard, and Cornel Ronald West. 2008. Black Power: Three Books from Exile: Black Power, the Color Curtain and White Man, Listen! New York: Harper Perennial Modern Classics. P. 27. Tradução nossa.

para a colônia. Em 1720, 1000 escravos fugiram para as montanhas. Em 1751, havia pelo menos 3000 deles. Normalmente formavam grupos separados, mas periodicamente encontravam um chefe que era forte o suficiente para uni-los. Muitos desses líderes rebeldes aterrorizaram os corações dos colonos por seus ataques às plantações e pela força e determinação da resistência que organizaram contra as tentativas de exterminá-los.”⁹

Mas o marronato não traria a emancipação por si só, embora isso servisse como uma base da qual surgiria a formação contra o regime colonial das plantações de produção. A taxonomia de James sobre o equilíbrio de forças na Revolução de São Domingo é o relato da dinâmica de reprodução da colônia, seus agentes e suas funções no processo de escravidão contínua, do qual “somente uma sociedade viciosa poderia florescer.”¹⁰ A estrutura de classes desta sociedade correspondia a uma hierarquia de diferenciação racial, não apenas entre escravo e plantador, mas nas cidades onde o capital mercantil ligava a plantação aos mercados europeus através do Atlântico, uma sociedade urbana de vulgaridade e violência racial aberta servia como a ordem da vida cotidiana.

Os plantadores, os “grandes brancos,” presidiam sobre uma “ignorância inerente à vida rural antes da revolução industrial [que] foi reforçada pela irascibilidade e a vaidade do isolamento aliada ao domínio indiscutível sobre centenas de seres humanos.”¹¹ Eles “odiavam a vida e procuravam apenas ganhar dinheiro suficiente para se aposentarem na França ou pelo menos passar alguns meses em Paris, vangloriando-se das

9 C.L.R. James. 1989. *The Black Jacobins*. New York, N.Y.: Vintage. P. 20. Tradução nossa.

10 *Ibid*, p. 27. Tradução nossa.

11 *Ibid*, p. 29. Tradução nossa.

comodidades da civilização.”¹² Um aspecto da eventual fragilidade da ordem racial de São Domingo seria este desinteresse entre a classe dos plantadores, sua própria riqueza atada como estava a um ressentimento tão violento. Em meio às cidades, comerciantes e agentes da burguesia marítima eram contados entre os grandes brancos, mas eles esfregavam os ombros na vida cotidiana entre os “pequenos brancos,” aqueles “escriturários, os artesãos, os comerciantes [...] uma multidão de vagabundos da cidade, fugitivos da justiça, escravos de galé fugitivos, devedores incapazes de pagar suas contas, aventureiros em busca de aventura ou fortunas rápidas, homens de todos os crimes e de todas as nacionalidades. Do submundo de dois continentes vieram franceses e espanhóis, malteses, italianos, portugueses e americanos. Seja qual for a origem, o registro ou o caráter de um homem, aqui sua pele branca fez dele uma pessoa de qualidade; mas rejeitado ou fracassado em seu próprio país afluíram a São Domingo, onde as considerações foram obtidas a um preço tão barato, o dinheiro fluiu e as oportunidades de deboche abundaram.”¹³ A superioridade racial branca forma um pedaço do metabolismo reprodutivo da colônia, tomando o amálgama global das etnias europeias e, em seu investimento combinado na preservação da escravidão, produz a raça branca. O intermediário racial dos “mulatos” se revelaria mais complicado para esta ordem à medida que a luta irrompesse, mas, mesmo como um segmento de proprietários, eles ainda permaneceriam em um nível de exclusão racial ao qual sua formação política ainda teria que se opor. “As mães dos mulatos estavam nos bandos de escravos, tinham lá meio-irmãos, e por mais que o próprio mulato pudesse desprezar esta metade de sua origem, ele estava em casa entre os

12 Ibid. Tradução nossa.

13 Ibid, p. 33. Tradução nossa.

escravos e, além de sua riqueza e educação, poderia ter entre eles uma influência que um homem branco nunca poderia ter.”¹⁴ Tudo isso compreende as estratificações superiores daquela hierarquização racial das relações sociais de produção que viram seus tegumentos romperem à medida que a intensificação do comércio colonial trouxe um influxo de importação de escravos das costas africanas, que levou a população escravizada de São Domingo a cerca de 80% dos habitantes da ilha. Como nos diz James, porém, foi a totalidade deste movimento que proporcionou a oportunidade para a realização da emancipação:

Os homens fazem sua própria história, e os jacobinos negros de São Domingo fizeram uma história que iria alterar o destino de milhões de homens e mudar as correntes econômicas de três continentes. Mas se eles puderam agarrar a oportunidade, não puderam criá-la. O comércio de escravos e a escravidão foram tecidos firmemente na economia do século XVIII. Três forças, os proprietários de São Domingo, a burguesia francesa e a burguesia britânica, prosperaram com a devastação de um continente e com a exploração brutal de milhões. Enquanto estes mantivessem um equilíbrio, o tráfico infernal prosseguiria, por isso teria continuado até os dias de hoje. Porém, nada, por mais rentável que fosse, perdura para sempre. Do próprio impulso de seu próprio desenvolvimento, os plantadores coloniais, burgueses franceses e britânicos, geravam tensões internas e intensificavam rivalidades externas, movendo-se cegamente para explosões e conflitos que estilhaçariam a base de seu domínio e criariam a possibilidade de emancipação.¹⁵

A competição geopolítica e o conflito no interior da metrópole serviram para abrir a possibilidade de emancipação, sendo o fluxo

14 Ibid, pp. 38-39. Tradução nossa.

15 Ibid, pp. 25-26. Tradução nossa.

revolucionário do Estado um produto do movimento em e através da luta dessas novas massas tornadas interdependentes pelo colonialismo como uma forma de alcance global e constituição do sistema capitalista. Como James famosamente observou, a combinação de trabalhadores negros na plantação os tornou “mais próximos de um proletariado moderno do que qualquer grupo de trabalhadores existente na época,”¹⁶ podemos ainda dizer aqui que o eixo racial da proletarização na escuridão, a coloração da luta de classes, tem origem nestas escaladas da luta prática abolicionista nas Américas coloniais, onde “o fato dominante da sociedade de São Domingo” foi sempre “o medo dos escravos.”¹⁷

A elaboração de Du Bois sobre o equilíbrio de forças na Reconstrução Negra segue uma trajetória semelhante, embora encontremos uma necessidade mais explícita da composição da forma do Estado à sua historiografia. Onde o trabalhador negro foi a pedra angular de todo o sistema de capital moderno, as particularidades da formação de classes raciais nos Estados Unidos constituíram uma divergência específica de elementos de classe proletários, movimentos trabalhistas distintos. Além disso, a oposição à escravidão como forma de exploração não era predominantemente uma consequência da simpatia ou de uma humanidade vista no trabalhador negro, mas vinha freqüentemente em expressão anti-negra, como no caso do trabalho livre e da ideologia da terra livre. O trabalhador branco, em geral, possuía “o medo econômico de ser reduzido ao nível dos escravos pela competição. Eles queriam uma chance de tornarem-se capitalistas.”¹⁸ Nas cidades do Norte, “os Irlandeses competiam particularmente, e os patrões, por causa da antipatia racial e

16 Ibid, p. 86. Tradução nossa.

17 Ibid, p. 38. Tradução nossa.

18 Du Bois (1998) p. 18. Tradução nossa.

simpatia com o Sul, não queriam aumentar o número de trabalhadores negros, contanto que os estrangeiros trabalhassem a um custo igualmente baixo. Os estrangeiros, por sua vez, culparam os negros pelos baixos custos da mão de obra. O resultado foi uma guerra racial.”¹⁹ Os motins raciais foram uma característica da vida urbana no Norte, o resultado de uma combinação de competição no mercado de trabalho e da hierarquia racializada da vida social nos EUA, a fundação da plantação no Sul com maior presença dentro do Norte como uma unidade nacional do que é frequentemente admitido. O Partido Democrático, também o partido da oligarquia plantadora do Sul, devido à sua oposição às generosidades tarifárias e ao acolhimento de imigrantes, tornou-se o partido dos líderes sindicais e trabalhistas. A perspectiva de mão de obra negra livre não seria apenas um espectro sobre a competição por salários nas cidades do Norte, mas também na fronteira ocidental, pois as aspirações de colonização de terras livres significavam que a competição pela terra se fazia sentir ameaçada pela emancipação. Nisto, Du Bois descreve um dos persistentes problemas políticos da história dos EUA:

Aqui, então, estavam dois movimentos trabalhistas: o movimento para dar ao trabalhador negro um status legal mínimo que lhe permitisse vender sua própria força de trabalho, e outro movimento que propunha aumentar o salário e melhorar a condição da classe trabalhadora na América, agora composta em grande parte por imigrantes estrangeiros, e disputar com o novo capitalismo americano a base sobre a qual a nova riqueza deveria ser dividida. Uma ampla filantropia e um amplo conhecimento dos elementos do progresso humano teriam levado estes dois movimentos a se unirem e em sua união a se tornarem irresistíveis. Era difícil, quase impossível, que isto ficasse claro para os líderes do trabalho branco dos anos trinta. Eles tinham suas queixas

19 Ibid. Tradução nossa.

particularistas e uma delas era a competição com o trabalho negro livre. Ademais, podiam facilmente vislumbrar a nova e tremenda concorrência dos trabalhadores negros depois que todos os escravos se tornassem livres. O que eles não viram nem entenderam foi que esta competição esteve presente e continuaria a estar, e seria enfatizada ainda que os negros continuassem como trabalhadores escravos. Por outro lado, os abolicionistas não perceberam a situação do trabalhador branco, especialmente o trabalhador semiquificação e não qualificado.²⁰

A consolidação da consciência racial no tecido da nação, a composição do Estado no antagonismo de classe e como formação de classe racial, produziu um obstáculo à reconciliação que se tornou um motor de acumulação de capital, conforme ilustra a imanente tendência autodestrutiva de mais valorização como qualquer outra anterior. Este obstáculo no Norte era mais grave no Sul, pois “acima desta massa mais baixa” dos escravizados “surgiu uma classe média de brancos pobres em formação,” pequenos agricultores, supervisores e comerciantes, que divertiam a noção de uma luta de classe contra a oligarquia dos plantadores, mas nunca poderiam se elevar acima de suas aspirações de ressentimento e inveja, dependentes como estavam da ordem dos plantadores para suas próprias fantasias econômicas. “De fato, os líderes naturais dos brancos pobres, o pequeno agricultor, o comerciante, o homem profissional, o mecânico branco e o superintendente de escravos, estavam ligados aos plantadores e repelidos dos escravos e até mesmo da massa dos trabalhadores brancos de duas maneiras: primeiro, eles constituíam a patrulha policial que podia cavalgar com os plantadores e de vez em quando exercer força ilimitada sobre escravos recalcitrantes ou fugitivos; e depois, também, havia sempre uma chance de que eles

20 Ibid, pp. 20-21. Tradução nossa.

mesmos pudessem também se tornar plantadores, economizando dinheiro, investindo, pelo poder da boa sorte; e o único céu que os atraía era a vida do grande plantador sulista.”²¹

A dependência estruturada da *plantocracia* do Sul, seu cultivo de um ideal paternalista de civilização na violência do domínio senhorial, desmentiu as restrições ao sistema de plantação experimentado nos anos de 1850. Não havia um fim inevitável para a escravidão, na verdade, a derrota da Reconstrução Radical pelos anos da década de 1870 mostraria a continuidade da violência racial como uma força econômica de acumulação de capital para os EUA, mas a misericórdia dos plantadores perante o mercado global, principalmente sua dependência na aquisição de algodão para a manufatura têxtil no Reino Unido, “reduziu gradualmente a agricultura a uma indústria subsidiária cujos retornos dificilmente sustentavam o agricultor e sua mão de obra.”²² Por isso,

O resultado foi que a indústria do Norte e da Europa fixaram preços para o algodão, tabaco e açúcar do Sul, deixando uma estreita margem de lucro para os senhores das plantações. Eles só poderiam revidar explorando mais impiedosamente seu trabalho escravo para obter as maiores colheitas ao menor custo. Eles não eram, portanto, deliberadamente cruéis com seus escravos, mas precisavam produzir algodão o suficiente para satisfazer suas pretensões e autoindulgência, mesmo que isso brutalizasse e comercializasse seu trabalho escravo.²³

Esta motivação econômica por parte da oligarquia plantadora a favor da continuação da escravidão não é suficiente por si só, e para isso Du Bois

21 Ibid, p. 27. Tradução nossa.

22 Ibid, pp. 36-37. Tradução nossa.

23 Ibid, p. 37. Tradução nossa.

tem plena consciência, pois "seu poder político se baseava na escravidão. Com quatro milhões de escravos podia contrabalançar os votos de 2.400.000 eleitores do Norte, enquanto que no inconcebível evento de se tornarem livres, seus votos superariam os de seus oponentes do Norte, que foi precisamente o que aconteceu em 1868."²⁴ Isto torna mais explícita a razão da categoria de democracia abolicionista de Du Bois nas tentativas de formação de governos estaduais durante a fase de Reconstrução Radical, já que a democracia estadunidense até a Guerra Civil era uma composição de Estado onde o modelo de desenvolvimento das plantações mantinha uma formidável influência minoritária, tudo baseado neste regime racial.

A penetração desta estrutura racial de mercadorias em todos os aspectos do ser social não pode ser superestimada, e sua existência também serve como um teste importante para uma reivindicação chave de Lukács na formação do ponto de vista do proletariado como uma superação imanente da consciência reificada. As posições dos trabalhadores negros e dos trabalhadores brancos em relação ao plantador e este nexos político do conflito intraestatal americano são essenciais para compreender o equilíbrio de forças e a trajetória de luta durante o período de Reconstrução. Há uma orientação específica para o autoconhecimento do trabalhador como o autoconhecimento da mercadoria. Como diz Lukács:

Quando o trabalhador conhece a si mesmo como uma mercadoria, seu conhecimento é prático. Ou seja, este conhecimento traz uma mudança estrutural objetiva no objeto do conhecimento. Nesta consciência e através dela o caráter objetivo especial do trabalho como mercadoria, seu 'valor de

24 Ibid, p. 41. Tradução nossa.

uso' (ou seja, sua capacidade de produzir excedentes de produção) que, como todo valor de uso, está submerso sem um traço nas categorias de intercâmbio quantitativo do capitalismo, agora desperta e se torna realidade social. A natureza especial do trabalho como uma mercadoria que, na ausência desta consciência, atua como uma roda motriz inconfessada no processo econômico, agora se objetiva por meio desta consciência. A natureza específica desta mercadoria consistia no fato de que sob o manto da coisa havia uma relação entre os homens, que sob a crosta quantificadora havia um núcleo vivo e qualitativo. Agora que este núcleo é revelado, torna-se possível reconhecer o caráter fetichista de cada mercadoria com base no caráter de mercadoria da força de trabalho: em cada caso encontramos seu núcleo, a relação entre os homens, entrando na evolução da sociedade.²⁵

Nas formações nacionais do Estado que coadjuvaram o variado sortimento de Europeus em uma incubação política de brancura como potência econômica, encontramos uma tendência consistente desta formação de classe racial a ser liderada politicamente por objetivos de mobilidade de classe, para a posse de propriedade e a capacidade de acumular capital. O objeto do conhecimento continua sendo um fetiche, possível atividade limitada à forma de sua própria exploração. Nos relatos acima, os escravizados estão plenamente conscientes de sua existência social como mercadoria, de trabalho alienado e coagido a reproduzir ainda mais sua própria alienação. O trabalhador negro produz uma mudança estrutural objetiva no objeto do conhecimento social, e isto se revela mais plenamente na natureza decisiva deste antagonismo explosivo na luta sobre o futuro do Estado americano na Guerra Civil, e na natureza mais decisiva jogada pelos trabalhadores negros do Sul em sua greve geral

25 Lukács (1999) p. 169. Tradução nossa.

atravessando as linhas das tropas federais, a partir da qual eles construiriam as bases comunitárias iniciais pelas quais a luta pela Reconstrução seria travada.